

O “amigo oculto”: a Cuba de Fidel Castro e a Espanha franquista

O que é que Fidel Castro e Francisco Franco tinham em comum? Aparentemente (ou publicamente) nada. E, no entanto, nos bastidores, partilhavam uma admiração mútua. Na ressaca de um raro protesto contra o regime, olhemos para essa relação singular e para o futuro da narrativa socialista-comunista e revolucionária.

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 25 de Julho de 2021

1. No Verão de 2021, [Cuba](#) volta a estar no centro das atenções internacionais devido aos [grandes protestos anti-governamentais](#) ocorridos na ilha. Para muitos, fizeram lembrar a enorme contestação popular do Verão de 1994 conhecida como “o Maleconazo”, por se ter desenrolado largamente no Malécon de Havana, o passeio marítimo da cidade. Todavia, mais de um quarto de século após essa contestação ao regime socialista-comunista cubano, os protestos actuais mostram diferentes contornos. Nos anos 1990, Fidel Castro — a figura central e mítica do regime cubano — usou o seu poder e prestígio para aplacar a situação. Hoje, cinco anos após a morte de Fidel Castro, é Miguel Díaz-Canel — que não tem similar aura mítica — quem ocupa o poder e tem a difícil tarefa de travar a contestação.

Mas há mais diferenças de relevo. Os protestos do passado ocorreram na ressaca do fim dos apoios soviéticos, sendo protagonizados por cubanos de outras gerações, muitos dos quais pretendiam sair do país. Ocorreram também numa era pré-Internet e redes sociais. Não é esse o contexto social e político dos mais recentes protestos, em que há agora um profundo impacto negativo, económico e social da [pandemia da covid-19](#).

Apesar das [restrições e da censura](#) do Governo cubano, emergiu uma inédita mobilização pelas redes sociais, em especial dos mais jovens, parecendo estar a surgir o embrião de uma nova sociedade civil. Sintomática da transformação é a mobilização ter por [slogan a música rap Pátria e vida](#). Sessenta anos depois da revolução cubana, um grupo de jovens *rappers* cubanos ousou dessacralizar o velho lema revolucionário “pátria ou morte” de Fidel Castro, transformando-o em “pátria e vida”.

2. Seja qual for a evolução da situação política em Cuba nos próximos meses ou anos, um olhar sobre o passado — em particular sobre alguns dos seus episódios menos conhecidos — traz novas perspectivas para compreender melhor o presente. Todavia, é necessário contextualizar previamente a questão histórico-política, ainda que de uma forma abreviada.

O actual regime cubano sucedeu em 1959 ao regime autoritário de Fulgencio Batista, que foi deposto por Fidel Castro e pelo seu grupo de revolucionários. Sob o Governo de Batista existia uma opressão e violência generalizadas sobre os opositores políticos. A sociedade cubana da época era marcada por enormes desigualdades, pobreza e corrupção. Estávamos no contexto da Guerra Fria e os EUA fechavam os olhos ao

autoritarismo opressor de Fulgencio Batista, o que lhes era particularmente conveniente em termos económicos e político-estratégicos. Como resultado, após a revolução de 1959, especialmente nos anos 1961 e 1962, as relações americano-cubanas degradaram-se profundamente.

As nacionalizações de empresas norte-americanas, a tentativa de invasão da Baía dos Porcos e de deposição de Fidel Castro, e a estratégia soviética de instalação de mísseis nucleares em Cuba, às portas dos EUA, tiveram um papel central nessa ruptura. Como retaliação, foram aplicadas pelos norte-americanos pesadas sanções a Cuba, que afectaram seriamente o funcionamento da sua economia e sociedade. Tal situação permanece até hoje, apesar do restabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países em 2015, [feito por Barack Obama e Raul Castro](#) (as sanções voltaram em força sob o Governo de Donald Trump).

3. No passado político turbulento de Cuba, a relação de Fidel Castro com a Espanha franquista é uma das mais curiosas, surpreendentes e paradoxais. Na lógica da Guerra Fria americano-soviética, organizada em torno de blocos político-militares, Fidel Castro e Francisco Franco estariam destinados a opor-se como dois ferozes inimigos ideológicos. Pelo menos seria assim, se seguissem as oposições binárias da época — comunismo *versus* democracia liberal e economias de direcção central *versus* economias capitalistas. O primeiro, Fidel Castro, era um ícone do socialismo-comunista revolucionário; o segundo, Francisco Franco, era uma das maiores némesis desse ideário, pelas simpatias fascistas durante a Guerra Civil de Espanha (1936-1939).

Todavia, a relação entre Fidel Castro e Francisco Franco não foi marcada pela expectável hostilidade e confrontação que a matriz ideológica esquerda/direita e a lógica da Guerra Fria sugeriam. Afastada dos olhares da opinião pública desenrolou-se uma quase cordial relação pragmática que, embora tivesse momentos de atrito em público, foi, em grande parte, uma relação de colaboração e de respeito mútuo. Há múltiplos episódios pouco expectáveis que o confirmam. Um dos mais curiosos ocorreu em 1959, com Che Guevara — outro ícone do socialismo-comunista e da revolução cubana. [Passeou livremente em Madrid sob o regime franquista, assistindo ainda a uma corrida de touros](#) e posando em frente à Faculdade de Medicina (o momento foi imortalizado pelo [fotógrafo Cesar Lucas](#)), algo que poucos imaginariam ser possível. Altamente simbólico — e mais revelador ainda dessas relações subterrâneas — foi o facto de [na altura da morte de Francisco Franco, a 20 de Novembro de 1975, Fidel Castro ter decretado três dias de luto](#) nacional, ainda que o tivesse feito às escondidas do mundo exterior. Nem Mao Tsetung (ou Mao Zedong) — outro símbolo do movimento comunista internacional —, que morreu no ano seguinte, em 1976, teve similar distinção.

4. Entre as muitas biografias e livros dedicados a Fidel Castro a nível internacional, existe também entre nós uma interessante obra de José Fernandes Fafe (*Fidel*, Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2008). Após a revolução democrática de 1974, o seu autor foi o primeiro embaixador português em Havana, ocupando o cargo entre 1975-1977. Sem prejuízo do interesse histórico-político dessa leitura, é noutro tipo de livros

e documentos que encontramos alguns dos factos mais interessantes das relações entre a Cuba de Fidel Castro e a Espanha franquista. Em particular, numa recente publicação da [antiga diplomata do Japão Haruko Hosada](#), que desempenhou funções em Espanha, são revelados alguns dos mais surpreendentes e mal conhecidos episódios da relação de Fidel Castro com a Espanha de Francisco Franco (*Castro and Franco: The Backstage of Cold War Diplomacy*, Routledge, 2019).

O livro de Hosada torna-se assim uma leitura fundamental para todos os interessados neste assunto, quer pelo seu recurso a fontes primárias, incluindo documentos diplomáticos até agora praticamente desconhecidos, quer pelo uso de múltiplas fontes secundárias. Nele, Haruko Hosada aponta quatro grandes pontos de contacto entre Fidel Castro e Francisco Franco (pp. 4-5): (i) a Galiza como “pátria” comum; (ii) o catolicismo como elemento espiritual estruturante; (iii) o percurso militar e o gosto e aptidão para o “combate de guerrilha”; (iv) um nacionalismo imbuído de antiamericanismo por motivos muito parecidos.

5. No que toca à importância de um passado comum ligado à Galiza Haruko, Hosada refere-se ao facto de ambos terem sido amplamente influenciados pelas raízes familiares galegas, em que as tradições autoritárias e patriarcais eram dominantes. Francisco Franco nasceu em Ferrol — uma cidade portuária do Noroeste, próxima da Corunha — e o [pai de Fidel Castro, Ángel Castro Argiz, em Lánçara, uma aldeia também na Galiza](#), situada mais no interior, próximo de Lugo, tendo emigrado para Cuba em 1899 para fazer fortuna. (Em meados da década de 1890, quando ainda era uma colónia de Espanha, tinha já estado na ilha como soldado do Exército espanhol — provavelmente foi um daqueles jovens pobres em que um rico lhe pagou para o substituir no serviço militar.)

Na época, a trajectória migratória para Cuba, ou para outros antigos territórios coloniais espanhóis na América Latina, era algo comum entre os galegos, pela pobreza da sua região. As muitas dificuldades da vida na Galiza rural e as qualidades e resistência que eram mostradas pelos que triunfavam na vida terão sido factores na origem de uma admiração mútua.

Quanto à influência da Igreja Católica, foi particularmente importante e duradoura em ambos, embora não exactamente da mesma forma. No caso de Francisco Franco é mais óbvia, bastando lembrar que o catolicismo foi a religião oficial do Estado sob o seu regime. Quanto a Fidel Castro, foi educado por jesuítas espanhóis em Cuba. Apesar do seu ideário socialista-comunista, ele próprio considerava que “o seu temperamento, que em parte é de nascença, foi também forjado com os jesuítas”, os quais “trabalhavam sem salário, viviam austeramente e eram rigorosos, sacrificados e trabalhadores” (p. 13).

6. Outro traço comum entre Fidel Castro e Francisco Franco era a existência de uma paixão militar pela guerrilha. Segundo a jornalista norte-americana [Georgie Anne Geyer](#), em *Guerrilla Prince: The Untold Story of Fidel Castro* (Little, Brown and Company, 1991), ambos sentiam um fascínio pela velha fórmula espanhola da

guerrilha, iniciada com a resistência às invasões francesas no século XIX. Aqui há também uma outra curiosa ligação entre ambos, ainda que de forma indirecta, através de [Alberto Bayo, um militar espanhol que lutou nas campanhas de Marrocos dos anos 1920](#), chegando a estar nessa altura sob o comando de Francisco Franco. Nos anos 1930, Bayo participou na Guerra Civil Espanhola, mas no campo contrário — o dos republicanos —, tendo-se exilado no México após a derrota da Segunda República Espanhola. Aí foi um dos principais instrutores militares (e conselheiro) de Fidel Castro e dos guerrilheiros que derrubaram Fulgencio Batista.

No caso de Francisco Franco, para além do fascínio pela guerrilha que partilhava com Fidel Castro, existia também um interesse e simpatia para com o revolucionário vietnamita Ho Chi Minh, pelo seu nacionalismo e recurso sistemático a táticas de guerrilha, primeiro contra o colonizador francês e, depois, contra o poderoso Exército dos EUA nos anos 1960 e 1970, que acabou por ser derrotado.

Aspecto ainda de assinalar no caso de Cuba, foi a recusa de Francisco Franco em fornecer ao Governo de Fulgencio Batista a posição dos guerrilheiros revolucionários de Fidel Castro no terreno (que conheceria bem) antes de estes terem tomado o poder, o que lhe granjeou uma adicional simpatia.

7. O antiamericanismo de Fidel Castro e Francisco Franco, ainda que em graus e com tonalidades diferentes, tem razões óbvias no caso do primeiro. Emergiu em meados dos anos 1940, nos tempos de estudante universitário de Fidel Castro. Acentuou-se durante os anos 1950, já na sua fase de jovem revolucionário, primeiro pelo referido apoio norte-americano ao Governo opressor de Fulgencio Batista e, posteriormente, pelas tentativas de o afastar à força do poder.

Quanto ao segundo, Francisco Franco, o seu antiamericanismo está sobretudo associado ao seu percurso nacionalista e como militar do Exército espanhol. Como já notado, o trauma da perda de Cuba na Guerra Hispano-Americana de 1898 estava profundamente enraizado na geração de Francisco Franco, sobretudo entre os militares espanhóis e nos sectores mais nacionalistas da sociedade. Para além disso, o facto de a Espanha franquista durante a II Guerra Mundial ter tido uma neutralidade com simpatias indisfarçadas pela Alemanha nazi e Itália fascista, levou ao seu isolamento no pós-guerra. Este foi relativamente quebrado após os Pactos de Madrid de 1953 com os EUA, que permitiram instalar bases militares norte-americanas em território espanhol a troco de ajuda económica e militar. Ainda assim, na relação com os EUA esteve sempre latente uma desconfiança mútua.

Não é por isso muito surpreendente que, no contexto do agudizar das tensões americano-cubanas que levaram à falhada invasão da Baía dos Porcos, Francisco Franco tenha dito ao embaixador cubano em Espanha, José Miró Cardona (mais tarde exilado nos EUA): “Diga a Fidel que mande para o inferno os americanos.” (Haruko Hosada, *idem*, p.37)

Por sua vez, Fidel Castro terá afirmado que a revolução cubana serviu para restabelecer a honra espanhola ferida na Guerra Hispano-Americana de 1898. É de

relembrar aqui que o pai de Fidel Castro serviu como militar espanhol em Cuba, na altura em que decorreu esse conflito, pelo que é provável que essas memórias familiares tenham marcado de alguma forma a personalidade de Fidel Castro.

8. Tudo isto de que até agora falámos é passado. Um passado complexo, multifacetado, frequentemente traumático, mas também com revelações bastante surpreendentes. Tal como usualmente ocorre com os regimes que rompem de forma abrupta com o passado, a Cuba de Fidel Castro construiu uma narrativa de redenção para se (auto)legitimar face à ditadura anterior de Fulgencio Batista. Mas a narrativa socialista-comunista e revolucionária construída — imbuída de uma forte carga ideológica — não é coerente com a relação subterrânea mantida com a Espanha franquista longe do olhar da opinião pública. Contradiz o discurso moralista de Fidel Castro e a “pureza” ideológica do regime cubano. Surpreende, ainda mais, pela “inimizade cordial” mantida com Governo de Francisco Franco na sombra, o qual era, no discurso público do mundo socialista-comunista, o arquétipo do inimigo fascista.

Na realidade, apesar das pressões dos EUA, a Espanha franquista nunca rompeu relações diplomáticas com Cuba, nem participou nas sanções económicas. Vem aqui à mente a visita privada a Cuba em 1969 de Nicolás Franco — o irmão mais velho de Francisco Franco —, feita a convite do Governo cubano, que pretendia importar veículos automóveis e barcos de Espanha, e a conversa que este teve com Fidel Castro.

O episódio é relatado no já citado livro da diplomata japonesa Haruko Hosada (p. 85) que conta ainda uma piada irónica a propósito desse encontro insólito: “No mínimo, Castro tinha a certeza de que tanto ele como Franco se entenderiam perfeitamente, porque um comunista podia entender um fascista, mas não um liberal, segundo uma anedota recordada por Nicolás Franco em 1969” (*ibidem*, pp. 109-110). Podemos encontrar várias explicações para esta singular relação, mas elas estão mais no domínio de uma pragmática (e cínica) *Realpolitik*, não dos apregoados valores socialistas-comunistas, nem dos princípios revolucionários.

Por último, tal como no passado de Fidel Castro e do seu irmão, Raul Castro, o Governo cubano agora chefiado [Miguel Díaz-Canel](#) é rápido a apontar o dedo aos EUA em tudo o que é contestação social e política no seu país. Tem razão quanto ao [anacronismo das sanções económicas](#) — que já deveriam ter sido levantadas pelos norte-americanos —, mas ignora o seu próprio anacronismo cristalizado no *slogan* “pátria ou morte”.

Cuba continua a ser um autoritarismo inimigo da democracia liberal, a qual não é consentânea com a sua lógica de partido único, nem com a repressão da crítica e da dissidência e o monopólio da verdade política que impõe. Para bem de Espanha, o franquismo não sobreviveu à morte de Francisco Franco, em 1975. Veremos quanto tempo o castrismo sobreviverá à morte de Fidel Castro, em 2016.

<https://www.publico.pt/2021/07/25/mundo/noticia/amigo-oculto-cuba-fidel-castro-espanha-franquista-1971237>